

a Terra livre

Periodico anarquista

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE

ANNO II — NÚMERO 30

ENDEREÇO: RUA MARIA DOMITILLA, 88 — SÃO PAULO (BRASIL)

2 de Abril de 1907

AINDA A FARÇA

Diversos escritores brasileiros de muito renome, entre os quaes Bilac e Verissimo, se têm revelado inimigos do Parlamentarismo e o ridiculizaram nas crônicas que costumam escrever nos jornacs do Rio. Mais uma vez, a nova farça ultimamente realizada em São Paulo, veio dar-lhes razão, e a nós, que daqui continuamente atacamos essa engrenagem pela qual sobem os pais da patria desejosos de locupletarem o estomago. Avultou nesta um certo Dr. Celso, opositorista *enragé*, amigo dos operarios, propugnador das ideias modernas e estremado campeão das casas proletarias.

Afanoso e suarento, revelando as disposições em que se achava de se sacrificar pela classe laboriosa, s. s. andou por aí fóra arêngando ás turbas pasmadas, expondo seu bellissimo programa. Avultou a conferencia de Santos. Ali s. s. se esqueceu de que os interesses dos patrões são opostos aos dos operarios e prometeu mundos e fundos a uns e a outros.

Mostrou interessar-se pelo commercio pela industria, pela lavoura, por... que sei eu? por tudo, enfim. Que ia fazer leis em prol do descanso dominical, das crianças que entisicam nas fábricas, das mulheres que trabalham, dos homens que sucumbem a enriquecer outros homens; disse da instrução aos operarios, citou o jardim da infancia, e se interessou pelos patrões, produzindo uma verdadeira mistura de grelos.

Foi eleito?

Não o sabemos e nos penaizariamos se não o fór, porque, se s. s. chegar a biscoitar o subsídio, desejamos vêr como se sairá do embrulho. Então tem a ocasião de mostrar aos tolos dos patrões que deram o voto, os re-

AMOR LIVRE E LIVRE UNIÃO

Estas duas expressões, que alguns amiude confundem ou apropriam mal em seus raciocínios empregando uma quando se deveria usar a outra, têm um significado muito diverso, pois que, em quanto a primeira — livre amor — se limita a indicar a condição de um sentimento, a outra — união livre — define a condição dum facto.

Mas esta diferença no sentido das duas expressões torna-se mais acentuada ainda, quando se pensa que não existe nenhuma relação rigorosa de dependencia entre uma e outra, porquanto póde existir *união livre sem livre amor*, e vice-versa.

Assim como, por exemplo, temos a união livre, sem amor livre, no facto de dois seres conviverem um com o outro por um tempo determinado ou indeterminado, sem contrato matrimonial e sem outro fim a não ser o interesse recíproco mais ou menos mascarado com um verniz de amor, assim temos, e mais vezes, o *amor livre sem livre união*, na plena correspondencia de afectos entre dois seres de sexo diverso, que se amam com toda a força

da sua paixão, sem que ninguem os estorve em nada, mas que, ou por intercessão de terceiros ou por um prejuizo moral, acabam por se unir com o contrato legal ou religioso.

Estabelecida assim a distincão, diremos brevemente o que se deve entender por amor livre e livre união.

Os que resolvem todas as questões de golpe, os que nem sequer comprehendem o significado das palavras de que fazem uso, nem das que indicam o assunto que trazem á balha, arranjam-se com quatro palavras: Amor livre? União livre? Immoralidade... prostituição... a mulher torna-se propriedade de todos, a familia dissolve-se, immoralidade, immoralidade! E com estas conclusões julgam ter cortado o nó gordio!

Mas, senhores; digo-vos que as soltas graudas. O amor livre não significa a apropriação comum da mulher, mas quer dizer: *a liberdade ilimitada para a mulher, como para o homem, de amar quem quiser, a liberdade de concentrar sobre uma pessoa, antes que sobre outra, todos os afectos*. Quer dizer noutros termos: subtrair-se á terrível tirania dos pais, dos parentes e dos seus substitutos, que querem impor-lhe um marido do gosto delles, para amar livremente o objecto dos seus sonhos.

E onde ha aqui immoralidade e prostituição? Immoralidade é quando se simula um amor que não existe, no intuito de lucro; é quando se obriga uma desgraçada a casar, sem amor, com um homem que ella aborrece, e a prostituição é quando uma mulher se vende por dinheiro. A immoralidade e a prostituição não consistem na *liberdade de amar*, mas na *coacção de amar* ou de fingir amar. E como, na maior parte das vezes que se casam fingem amar, por

interesse, o matrimonio que sanciona esta ficção, mostra-se como a expressão última da mais alta immoralidade.

«Seja — objectam alguns; — mas a união livre é peor ainda.» — E porquê? Vejamos: dois seres de sexo diverso querem bem um ao outro, amam-se, sentem um irresistivel desejo de viver juntos e unem-se, não vendo a necessidade de pedir para a execução da sua vontade licença a quem quer que seja: nem ao juiz, nem ao padre, nem aos pais, nem aos parentes. Que ha de anormal em tudo isto?

— Ha que a mulher, sendo livre de ficar ou de se ir, iria ora com um, ora com outro, tomando-se a cadela de todos.

— Mas se esta mulher me ama, se ella se uniu a mim por amor, se não podia viver separada de mim e sentia, como eu, o desejo irresistivel da união, como é possível que me deixe?

— Mas esse amor póde desaparecer. — Em casos bem raros, não o nego; mas póde desaparecer mais facilmente nas mulheres casadas, a maior parte das quaes casam por interesse. E então?...

— Nós, valendo-nos do direito concedido aos maridos, cortamos-lhes as asas e impedimos a sua partida.

— Peor ainda: pôr-vos-ão os cornos.

— E nós matamo-las.

— Isso, matais... para exigir depois da morte o amor que não pudestes obter em vida. Essa logica não faz mozza... na nossa mentalidade. Unicamente, seria preciso submetê-la á analyse do antropologo para ver... se é do vosso parecer.

— Mas, afinal, que fariéis vós, partidario da livre união, se vossa mulher quisesse ir com outro?

— Que faria? Abrir lhe-ia todas as portas e janelas, para que partisse voando.

— Na verdade?

— Decerto! que havia eu de fazer duma mulher que já não me ama? Não seria uma tremenda tribulação para mim e para ella, obrigando-a a ficar?

— E se ainda a amais, não vos parece que deve ser bastante dura tal separação?

— Por certo; mas que fazer? Obrigá-la a amar-me de novo é impossivel; condena-la a ficar encadeada a mim, sabendo que deixou de amar-me e que antes me aborrece pelo sacrificio que lhe imponho, havia de me parecer um peso ainda mais tremendo do que a separação. Por isso, só me restaria resignar-me a fazer todo o possivel para esquecê-la. Demais, não deveis esquecer que, quando a união é independente de todo interesse, sobre as verdadeiras bases do amor, os casos de separação não podem deixar de ser rarissimos, e, em todo caso, repito-vos que não se póde sair deste terrivel dilemma: ou a separação livre, ou os cornos.

Eu sou pela separação. E vós?
ORESTES RISTORI.

A Escola Livre

(A proposito do projecto de E. L. em Portugal)

Eis um titulo que ha de surpreender muita gente no nosso país, para a qual a escola é sinonimo de prisão e de castigo.

A *Escola Livre!*... Mas isto deve ser para a maior parte uma utopia de poeta e para o resto um disparate, que nem merece discussão.

Crianças, doidos, mulheres e criminosos, têm merecido o soberbo desprezo do homem, que se julga superior e desdenha deter a sua atenção no estudo das condições moraes e materiaes em que vivê essa grande multidão humana, que são como os párias duma sociedade em que elle só é a classe dirigente e pensante, nem sempre equivalendo ao seu orgulho, e muitas menos vezes correspondendo á justiça, que se arrogou como distribuidor.

Para a grande maioria dos homens, ainda hoje, apesar do muito que a consciencia humana tem melhorado na sua relatividade social, — quanto mais apertadas forem as prisões materiaes e moraes onde se guardam essas criaturas inferiores, melhores resultados futuros elle julgaria tirar para a propria felicidade.

Por isso a criança tem o collegio com todos os seus horrores e entre os collegios é tido como modelar aquelle em que a disciplina e a vigilancia são mais completadas pelo terror material, como pelo terror religioso.

Os doidos, pobres doentes cuja irresponsabilidade devia inspirar respeito e comiserção, ainda sofrem maus tratos e escarneos e não vái longe o tempo em que o hospital não era a casa de saude mas a casa dos supplicios.

As mulheres, que elle na sua soberania de macho não escolhesse para o seu gozo material, não tinham outro emprego senão o convento, a prisão, a vigilancia.

As que no casamento tinham acolhida encontravam no lar (no gineceu) uma prisão pouco menos asfixiante, e muito mais trabalhosa do que a clausural.

E para todas a religião, ainda hoje tida, não comió uma aspiração superior da alma, não como uma necessidade íntima de certos temperamentos ideologicos, mas como um *freio*, uma sujeição moral a juntar a todas as outras que fazem da mulher uma criatura irresponsavel. Inutil *freio*, tantas vezes tomado nos dentes e não obstando ás desvaídas fugas para fóra do caminho direito!...

Os criminosos, com todo o peso do crime, que degenerencias successivas lhes trouxeram por fatalidade de temperamento, tinham que sofrer porque fizeram sofrer, serem torturados porque torturaram, vingança odiosa de toda uma sociedade que se ofendera no seu comodismo.

Mas... os doidos, graças aos sabios e medicos especialistas, vão tendo um mais consciencioso tratamento.

Os criminosos tambem vão tendo muito quem por elles se interesse e tente mostrar que a sociedade não tem o

EMBORA COM REPUGNANCIA...

A UM PASQUIM DE PORTO ALEGRE

direito repugnante do castigo, mas tão somente o direito de se defender e preservar os fracos da companhia perniciosos desses *atrasados*, desses doentes moraes, que se não de curar uns, melhorar outros, e outros por incuráveis ser utilizados assim, mas dando-lhes a maior soma de felicidade compatível com o seu estado de *vigiados*.

As mulheres também lá vão protestando, ainda timidamente, como colectividade, mas enfim uma parte consegue já libertar-se da rotina e embora menores e tuteladas perante o código, colocadas segundo a lei civil no plano inferior dos irresponsáveis, o que é certo é que vão progredindo e impondo-se á consideração irmanada do homem.

Só a criança é que continua a ser, salvo as excepções, educada como nos velhos tempos dogmáticos em que a vontade individual era tida como um defeito, que a todo transe era necessariamente espartano.

Lá diz o velho rifão: — « a criança e o pepino torce-se de pequenino ». E as crianças, torcidas e retorcidas nas mãos inabéis dos educadores, seguem fatalmente dois caminhos — ou se submetem, se aleijam e deformam moralmente até chegar á hipocrisia móle dos centenaes de criaturas que a cada passo topamos por ali, ou se tornam uns revoltados para os quaes a vida só traz pesares e atritos.

Para o critério português educar não é tornar a criança amavel, alegre, feliz e expansiva não é!

Para grande parte dos educadores, ainda hoje, educar é aborrecer, contrariar, tornar bem patente o despotismo autoritário. O ideal da educação tem sido convencer a criança que o estudo é um castigo que Deus põi nas mãos dos pais e dos professores, como lhes pôs a palmatoria. É a velha teoria teocratica de que o homem vem ao mundo para pagar culpas que não cometeu. E assim o trabalho foi convertido em condenação e expiação, em vez de ser transformado em pura fonte de gozo e alegrias saudáveis.

A criança pergunta, na sua insaciavel sede de tudo aprender, ella, coitada, que nada sabe e nada comprehende!

— A criança é considerada maçadora e curiosa, incorrigível, e mandada fechar no mais absoluto silencio!

A criança gosta de ler coisas que lhe prendam a imaginação mal desperta; vê illustrações que lhe falem aos olhos e ao espirito: rabiscar os desenhos que realizam o sonho das suas almozitas ingenuas e primitivas?!

— O professor e os pais retiram-lhes logo com enfado esses motivos de alegria espirital e mandam-nas autoritariamente para o livro de leituras official, para o caderno da escrita e dos problemas, para o desenho do compendio, — necessarios para o exame!

Porque o exame, o terrivel exame, está sempre suspenso sobre a cabeça da criança como uma ameaça terrivel... como o dia do julgamento para o criminoso. Vai-se para lá um pouco inconscientemente e sem se saber bem o que vão procurar, e volta-se de lá, « se calhou bem », com o alivio de quem tomou um remedio e com a ideia firme de fechar os livros sobre estudos que já não são precisos — porque o exame está passado.

E assim, de disciplina em disciplina, a criança vai fechando com raiva, a cada exame feito, a materia estudada « para cumprir », chegando-se por este modo ao fim do curso sem nada saber do principio.

E como não ha de existir o horror ao estudo se a criança tem como pronta ameaça quando faz qualquer maldade, o colegio e a escola?!...

Foi assim que a escola se converteu... em presidio.

Parece que a alma negra de uma legião de inquisidores anda por ahi encarnada nas pessoas dos pais e dos mestres, a torturar e a aleijar as pequenas almas em formação.

ANNA DE CASTRO OSORIO.

PARA OS REVOLUCIONARIOS RUSSOS

A. Gigli (Santa Rita de Passa Quatro)	1\$000
Svoboda (S. Paulo)	10\$000
Somma	11\$000
Enviamos 15 francos, equivalentes a	9\$300
Resto	1\$700

Nós amamos a discussão, ainda que não seja muito erudita e profunda. Certamente, preferimos que a critica ás nossas ideias seja feita com profundidade de vistas e conhecimento de causa, que nos oponha objecções e dificuldades sérias, pois que não estamos empenhados em defender a anarquia como um padre defende a Igreja que lhe dá um bom modo de vida, mas sim porque consideramos como a melhor solução do problema social a solução socialista-anarquica, que repudiariamos se a sua falsidade ou impraticabilidade nos fosse demonstrada — como repudiámos outras ideias que, entretanto, nos garantiriam a estima da maioria dos nossos semelhantes e as boas graças dos satisfeitos e dos cretinos...

Temos todo o desejo de submeter a anarquia á verdade, e não vice-versa, e por isso a expomos aos golpes perigosos, á luz intensa da critica. Preferimos, pois, a discussão séria e consciente; mas não desprezamos a critica banal, de logares comuns, se é de boa fé e sincera.

Mas que fazer, se encontramos na nossa frente, um ataque em que se confundem, em grandes doses, a ignorancia, a má-fé, o descaramento e todos os sentimentos policiescos, como o que nos é feito por um vil pasquim de Porto Alegre — « A Democracia », ou antes, « Burrocracia »?

O argumento que a *Burrocracia* esgrime melhor contra a anarquia é aquelle que celebrizou a Inquisição e todos os detentores de autoridade: a denuncia, a policia. A cada passo invoca contra os anarquistas a intervenção da violencia policial: que a policia é des-cuidada, que deve tomar providencias, que é preciso extinguir a lepra anarquista.

A sua concepção do anarquismo é a dos policias e jornalistas burgueses: os anarquistas são feras, monstros, doentes que só querem matar, trucidar, á tantos encontram em seu caminho homens, mulheres e crianças. De Reclus, esse é um genio, mas, por isso mesmo, segundo Lombroso, um desequilibrado... O autor duma obra tão harmoniosa, tão justa em suas proporções, tão completa, san e equilibrada, era amalucado... E o cretino da *Burrocracia*, que, por isso mesmo, se julga normal, sente-se compensado e esfrega as mãos de contente...

Perante tal immundicia, o primeiro impulso é para não responder. O asco sufoca-nos: pensamos que estes miseraveis são desgraçados, lamentaveis frutos dos males que combatemos, mas não importa, o asco sufoca-nos. Mas a anarquia luta contra innumerables prejuizos, é muito ignorada ou deturpada, choca em todos os campos a rocha das opiniões já feitas a martelo. Todas as criticas contra ella encontram quem as tome a serio. Basta para lá uma cavalgada se ponha a escoicear, com ares de importancia, zurrando que detroi o anarquismo com um um sopapo das suas ventas (é esta, com efeito, a pretensão dum tal Cavaco, pobre diabo da *Burrocracia*) para que muitos o creiam. E' preciso responder. Resignemo-nos.

A *Burrocracia* acumula contra nós uma montanha de sandices e de infamias, durante varios numeros; mas nós temos de resumir.

Patadas da « Burrocracia »

« Os anarquistas pregam contra toda e qualquer organização regular, desde a familia á colectividade geral ».

E' falso. Os anarquistas querem a substituição da actual organização por outra que redunde em proveito de todos, de cada um, e não duma só classe. O que elles combatem é a organização *autoritaria*, achando que « autoridade » e « organização » são dois termos que se negam; a primeira é o joio, o parasita, o verme roedor da segunda.

Os anarquistas acham que a verdadeira organização é aquella em que o interesse individual se armoniza, se confunde com o interesse social, em que o interesse dum é o de todos, em que a sociedade existe verdadeiramente para o bem de cada um; e que hoje o in-

dividuo é sacrificado á sociedade (á patria, ao Estado) como se esta não fosse composta daquelles — isto é hoje exige-se o sacrificio da maioria a uma abstracção que vem a ser, afinal, os

Sobre a propriedade

« Que a propriedade, porque é um roubo, deve ser abolida, — é axiomático para os *anarquistunculos*. » E para ti não é, ó Xavier da Costa? Parece que não, apesar do lemma, certamente incomprehendido, que aparece no cabelhalho da *Burrocracia*. Acusa alguns anarquistas de serem proprietarios, e deste modo indica que, segundo elle, os anarquistas querem a *renúncia cristã*, a simples mudança de proprietario. Mas um tal Carlos Macchi (deve ser *macchia*, isto é, mácula, nodoa) acode: os dois, em vez de atirar coices na mesma direcção, escoiceiam-se reciprocamente. O Carlos Nodoa (o mesmo que, sendo presidente duma associação operaria, devolve a *Luta* com este estúpido motivo: « a sociedade não é anarquista » — que não será parafraseado para a devolução dum jornal burguês...), o Mácula, diziamos, esse acha que os anarquistas são partidarios do *pilha-pilha*: está uma pessoa, posta em socego, em sua casa, e vem outra e diz: Fóra de aqui, que isto agora é para mim! Não é asno?

Os anarquistas, como os outros socialistas, querem a substituição da propriedade particular pela propriedade comum ou colectiva do solo e de todos os meios de produção. Querem abolir a propriedade, ó Mácula, ó cavalgada, e não a posse, o uso, o gozo, o usufruto. A propriedade, que elles querem abolir — precisamente porque se acha abolida hoje de facto para a grande maioria e porque querem estender a todos a posse — a propriedade que elles querem abolir é o direito que tem o proprietario de usar e abusar, de cultivar ou deixá-lo inculco o solo (ao lado dos famintos), de deixar activos ou inactivos os instrumentos de trabalho e os braços dos homens, que, dependendo das coisas de que vivem, dependem, por causa dellas, dos homens que as possuem e monopolizam.

Girandola final!

Voltaremos ainda a falar das patadas e infamias da « Burrocracia », se tivermos tempo, paciencia e espaço. Hoje fechamos com o aspecto comico.

A « Burrocracia », diz-se, parece incrível, mas...

O neo-malthusianismo

Usando da sua requintada má fé, burrocrata-mor apresenta o neo-malthusianismo, sem o discutir, como coisa definitivamente condenada por todos, sabios ou não, e só propugnada pelos anarquistas. Ora, se nem todos os anarquistas são neo-malthusianos, são muitas pessoas de todas as ideias, e até sisudos sabios, como Mantegazza, senador italiano e professor de antropologia. Do neo-malthusianismo, tencionamos falar numa serie de artigos, tanto mais que a questão foi levantada por um artigo de Alceste De Ambry, ex-director do *Avanti!*, e por outro que essa mesma folha publicou ultimamente — bem debil resposta ao do seu ex-director, mas que teve a sorte (má sorte!) de agradar á *Burrocracia*.

Para a *Burrocracia*, malthusianismo é o mesmo que neo-malthusianismo.

O engraçado é que o sandeu da *Burrocracia* ainda acha as receitas malthusianas « dignas de ser usadas por mulheres cuja conservação da vida impõe a não concepção ou... por meretrizes ». Não é já alguma coisa? E se com ellas se evitasse a geração de cretinos da laia dos « burrocratas » — seria uma boa limpeza!

A marcha do proletariado

Uma das principais causas do entorpecimento da luta operaria é que três partes dos companheiros nossos não conhecem o proprio valor que têm.

Trabalham, comem e bebem, bebem, comem e trabalham e assim descuidados vão passando como cegos por entre a opressão e a tirania.

Não se julgam homens como os outros. Perguntai-lhes o que são e tereis por resposta: — sou trabalhador.

Mas eu não entendo assim as coisas. Sou homem como homem pode o rei, apesar da sua corôa, sou homem como qualquer magistrado, como qualquer comerciante ou banqueiro. E portanto não como escravo, mas como homem quero ser tratado, quero ter os mesmos direitos que têm os outros.

A natureza não fez ricos e pobres, oprimidos e opressores, todos nascemos mais ou menos iguaes e devemos ser iguaes em tudo sobre a superficie da terra.

Não ha nenhum recém-nascido que aporte á sociedade com direitos superiores a seu semelhante, nem tampouco nasce com a marca que lhe dê direito a ser privilegiado.

Lembra-vos que nós somos a força e o direito; todo o homem é forte quando o quer ser.

Lembra-vos que somos escravos, que somos victimas do regimen presente e ser victimas quando se pode afrontar o algoz, não é fraqueza, é covardia.

Assim sendo, qual d'entre vós não quererá gozar o que os outros gozam? Qual d'entre vós não quererá ser livre? Nenhum, certamente!

Pois bem, querer é poder, mas não basta dizer, eu quero: é necessario empregar um esforço comum, pois comuns são os interesses.

Não basta gritar como loucos pela união e pela solidariedade como se fossem um objecto que realizado nos daria tudo.

Não; é necessario termos consciencia e formar consciencias; é necessario iluminar o cerebro dos companheiros que por infelicidade foram a desgraça de

para que...

seu valor, nos...

panhem na... É necessario fazer-lhes compreender a verdadeira vida tal deve ser, toda igualdade e fraternidade, fazendo com que nos seus olhos em vez de lagrimas de resignação por sua triste situação, brilhem relampagos de colera contra os tiranos, contra os despotas, contra os infames algozes que são os autores da nossa desgraça, da nossa pessima situação, da nossa dor, do nosso sofrimento.

E' necessario trabalharmos todos, cada um conforme as suas forças, uniformizando-nos para um mesmo fim.

Como disse Zola, o fogoso campeão da liberdade, se todos nós queremos a mesma felicidade, confundamo-nos num esforço comum, abrigando o mesmo fim que é a paz, liberdade e o trabalho reorganizado, o pão e a alegria para todos.

Digo com Pompeyo Gener: a liberdade é a vida; a vida é um movimento e nós vivemos em razão directa desse movimento interno e externo.

Assim o direito á vida implica o direito á liberdade, pois só da potencia e direcção do nosso movimento em frente da natureza, depende a nossa vida.

Já que só vivemos em virtude da luta que com ella sustentamos, lutemos sem tregua nem descanso. Se nos cansarmos e deixarmos de lutar, sucumbiremos infalivelmente, irremediavelmente.

O homem, a obra mais perfeita da natureza, sustenta contra ella um duelo terrivel e só pode viver dominando-a.

Assim os proletarios, privados da liberdade, oprimidos barbaramente, atrozmente, não vivem, vegetam.

Nestas condições é mais logico e humano que antes de viver como escravos prefiram morrer lutando pela liberdade, por essa liberdade bella que um dia iluminará o mundo inteiro com seus raios vivificantes.

A nossa situação no passado foi má, no presente é pessima, no futuro será peor.

A nossa existencia é um cumulo de dores, de amarguras, de privações e miserias. Nascidos na pobreza, esca-

pa-se-nos a vida por entre necessidades e penurias, só encontrando no nosso passo o escarneo, o odio e a tirania.

Nascemos como uma flor mimosa que deve partilhar de paz, harmonia e amor. Mal, porém, começamos a abrir os olhos para a realidade, somos atirados para o horror dum trabalho brutal, onde nos deformamos dia por dia, hora por hora, até que rolamos para o abismo do tumulo, unico repouso que nos é reservado em paga da nossa escravidão.

No entanto nós somos o braço forte que move com vigoroso impulso a alavanca do progresso e da civilização.

Os vapores singrando as aguas velozes como as andorinhas a voejar no espaço, as locomotivas voando rapidas, rapidas como o vento, de cidade em cidade e, finalmente, tudo o que nos é util e imprescindivel é obra do nosso trabalho.

A natureza dá o germen; nós completamos a sua obra ampliando, desenvolvendo o germen, transformando, em fim, uma coisa rude e tosca no mais precioso e util objecto da industria ou na mais fina e delicada obra de arte.

Como disse Gustavo de Lacerda, não creamos a vida, mas alimentamo-la.

Iluminamos a escuridão fazendo brotar a luz, ateamos a chama da intelligencia fazendo circular as ideias.

No entanto, que nos advem de tudo isso? Produtores de todo o bem-estar, de todo conforto, somos justamente os que não temos bem-estar, comodidades nem gozos.

A nós compete rebentar os grilhões que nos prendem ao jugo capitalista durante seculos, a nós compete arrasar as montanhas das iniquidades que nos aviltam, a nós compete emancipar-nos, libertar-nos, custe o que custar, tenhamos embora que morrer defendendo uma barricada, não importa!

Sobre o nosso sangue erguerão a sociedade futura os nossos vindouros, por que o sangue dos bons nos bons germinará, como disse Alfredo Pimenta.

Fomos nós os operarios que derrubamos a bastilha, fomos nós que fizemos a republica de 9, fomos nós que fizemos a Comuna!

Profanando-nos o ideal...

com perseverança e coragem, e faremos a sociedade livre, toda igualdade e fraternidade, paz e amor.

Viver sem liberdade, é vegetar morto.

O escravo, o servo, o operario que luta pela emancipação é o morto que se levanta para conquistar a vida.

Lutar é viver!

ELADIO ANTUNHA.

Se...

BAIXEZA!

AOS OPERARIOS DE CAMPINAS

Diversas vezes têm surgido declarações nos jornaes de Campinas, firmadas por operários da Mogyana, em que apregoam aos quatro ventos a sua retirada da Liga Operaria, á qual nunca mais pertencerão.

Ao ler aquellas publicações surgiu-me aos lábios a palavra que ahí está, ao alto, pois que outra não me acudiu de pronto com que pudesse qualificar o procedimento desses companheiros.

Retiram-se da Liga, mas não dão os motivos. Será porque a Liga os arrasta ao alcoolismo, á corrupção moral, á perda da dignidade? Será porque a Liga tornou-se ponto de reunião obrigado de gente pernicioso, indigna de acotovelar um operário?

Não! A Liga é, como em toda a parte, a congregação do elemento operário ávido de justiça, desejoso de sacudir o jugo insupportavel da exploração capitalista, melhorando, desde logo, as condições desse jugo, fazendo reduzir as horas de trabalho, tornando menos despoticos os patrões, pondo um paradeiro ás violencias dos chefes, e outras vantagens que aparecem immediatamente.

Ora, assim sendo, a declaração deveria ser feita, para se tomar veridica, nos termos seguintes.

«O fulano abaixo assinado, escravo submisso e leal, obedecendo com preserteza ás ordens emanadas do seu muito

poderoso e illustre senhor sicrano, de clara etc., etc.»

Nestes termos já ninguém poderia estranhar a deserção de alguns companheiros, o que não se dá agora devido as declarações não trazerem nunca as causas da saída do socio.

A' Liga Operaria nenhum operario deve deixar de pertencer, a menos que queira, atestando baixaza, continuar rasvejando aos pés dos patrões.

Os que se retiram, para fazer a vontade aos amos, e que se julgam seguros nas posições que ocupam, iludem-se completamente.

Querem simplesmente os patrões saber que possuem escravos, para não hesitarem em fazê-los trabalhar por quatro, dar-lhes um salario que só póde sustentar 15 dias, e, quando entenderem, despedi-los sem cerimonia. Eis as garantias, e os regalos, comprados á custa de uma declaração cheia de opprobrio, que enojará aos proprios amos, por verem quanto servilismo e subserviencia existem nos seus subditos, apesar de ser isso a melhor garantia de seu predomínio.

Não se iludam, porém, os que assim achincalham e deprimem a gente que lhes dá a riqueza e o ocio, o conforto e os prazeres. Saibam que estão prestando um bom serviço á nossa causa fazendo a selecção e arredando de nós o elemento ruim e nos permitindo avaliar com segurança as forças. Nada, absolutamente nada, retardará a nossa marcha e a nossa acção. Em torno da Liga já temos agregados todos os operários que têm brio e não trazem lama nas veias; outros virão ainda e ainda outros...

Alugamos o nosso braço mas não somos escravos: em nossa consciencia ninguém dominará. Perdeis, portanto, o tempo, patrões de todo o mundo — a luta engajada chegará fatalmente ao termo e não somos nós os que temos medo do desenlace.

S. Paulo, 25-3-907.

UM OPERARIO.

Mogyana

o au pub...

do corre...

adante da locomoção, man...

u escritorio, devido a um en...

de materiaes. Este sr., aprovei...

idade, insistiu para que eu aban...

ga operaria».

he que em tudo quanto fosse concer...

ao serviço da Companhia, tinha cumprido e cumpriria á risca, mas quanto a deixar a associação, não! porque era manchar o meu caracter de homem de 52 annos perante a classe operaria, a que tenho a distinta honra de pertencer.

Ameaçou-me que eu havia de arrepender-me. Pois o sr. Coroliano foi homem de palavra; no fim de dois mezes e um dia despediu-me pelo simples facto de pertencer á Liga, com o que me honrou muito; antes por isso do que por ladrão e desordeiro.

Viva a classe operaria! Abaixo a prepotencia!

Campinas, 28 de março de 1906.

FRANCISCO A. DE AZEVEDO MARQUES.
(Maquinista)

AO HOMEM

Elle veio para o Brasil já igualado; aqui misturou raça nas senzalas. Por algum tempo puxou da picareta, como nós outros; de adulação em adulação, apesar de zebra de duas patas, foi subindo em qualidade e gordura de porco e na de dinheiro. Na terra que diz sua, chamavam-lhe Manuele ou Zé, aqui tratam-no por Suordoarte.

E' baixo, gordo, usa bigode regular, já um tanto grisalho. Deve andar pelos seus cincoenta annos.

Ignora-se se já foi feito em eito de escravos e tambem se foi capitão de mata. (Pegador de escravos). O caso é que actualmente é chefe de feitores ou inspector não de paralelas.

Esse tipo ignobil e ignorante que se mantem de pé, a se dar ares de grande, e que não passa de um arrote de vinho verde, anda entremetendo-se com a vida e liberdade de seus patricios e antigos companheiros de trabalho. Esse animal que possui algumas patacas, não poucas, e que, de lingua, boa prata tem, está servindo de instrumento a seus superiores com o fim de ser agradável; e para isso pouco se importa com o prejuizo e o bem-estar dos outros. Essa cavalgadura está-se esquecendo do tempo em que andava de «lanchas» fura-

das e puxava picareta; esse malevolo odiento e intrigante que de humano só tem a cara, essa pustula cancerosa que há muito anda merecendo justiça de Fafe. Ora vejam: um perro destes a ameaçar os operarios com o olho da rua, caso insistamos em querer fazer parte da Liga Operaria. Vá coçar-se, tacaño de uma figa, deixe-se de ser cavalheiro da triste figura e tome tento na bola, se é que a tem. Exija do trabalhador o trabalho, que já não é pouco; quanto á questão pessoal e social cada um tem a liberdade de obrar como entender, uma vez que não prejudique este ou aquelle. Que intende o Suordoarte que somos nós? Por acaso nos toma por um rebanho de carneiros? Ora, vá-se catar, que é melhor!

Deste hipocrita e ruim sujeito, que diz e dizem possuir perto de quatrocentos contos de reis, seria muito facil descobrir qual o meio pelo qual armazenou essa grossa fortuna. Por exemplo: se formos investigar alguns contratos particulares que elle tem feito com alguns fornecedores de madeira, se formos averiguar os mesmos contratos com alguns mestres de turmas que se amedrontam de pertencer á Liga, se formos contar a historia de certos vagões carregados por cima, com dormentes velhos e por baixo com dormentes novos, e outras ligeirezas de mãos como esta...

Realmente, não ha nada como ser-se honesto; é verdade que sofre-se, mas ao menos anda a gente de cara erguida. Se este e outros, que têm o seu cargo pensassem melhor, deixariam os operarios agirem com a limpa consciencia que os governa, não empregando tempo em coisas perigosas, como a de cohibir a liberdade de proceder dos outros, porque lhes póde sair o tiro pela culatra...

Querem menosprezar a Liga? E por que? Terão receio que os seus socios vão descobrir algumas mazelas ocultas? Descansem, pois não é proposito delles fazerem tal descoberta, mesmo porque... alguns têm sido prejudicados e postos na rua pela hombridade de caracter que ostentaram.

O' Zé, ó Suordoarte, tome tento, deixe-se de perseguir os humildes que trabalham honestamente, e não insista em ser tacaño e nójento, seu cão!

E sem mais, sentido com a justiça de Fafe, ó sôr Zé. Sôr Zé... mesmo ou Suordoarte?

Campinas.

OS INDIGNADOS.

LEIAM

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista

CÁ E LÁ...

O sisudo «Estado de S. Paulo» publicou a 12 do corrente o seguinte:

Nos últimos dias do anno findo, o conhecido banqueiro de Nova-York, Henry Clews, afixou no seu escritorio o seguinte cartaz:

GRANDEZA AMERICANA

Colheita de 1906: trigo, 722 milhões de alqueires; algodão, 11 milhões. Em Anconia morreu um homem que pesava 230 kilos. Uma negra, no Estado do Texas, deu á luz seis filhos brancos. Que povo! que nação!

A este respeito, um observador europeu fez as seguintes ponderações:

— Este Tartarin americano deveria ter acrescentado isto: nos Estados Unidos, por cada oito pessoas, ha uma que não tem trabalho nem recursos; um milhão e meio de crianças, menores de 15 annos, definham nas fábricas; sessenta mil individuos são victimas de accidentes no trabalho; dois terços da população de Nova York vivem em pocilgas; e um milhão de ricas «ladies» criam caezinhos, em lugar de crianças.

Henry Clews é um Tartarin. De acordo. Nós conhecemos, porém, muitos outros Tartarins num bello país homônimo desse, os Estados Unidos do Brasil. E, sem ser preciso ir muito longe temos, aqui mesmo em S. Paulo, muita gente sem trabalho, muitas crianças definhando em fabricas, muitas, milhares de pessoas vivendo em pocilgas e... ricas (ladies?) senhoras que tambem criam caezinhos.

Entretanto, os Tartarins apregoam o progresso incrível do Estado de São Paulo (não o jornal); sua riqueza, as excelentes qualidades dos humanitarios Penteado; Prado, Matarazzo e caterva.

Ainda a 27 deste escrevia o mesmo «Estado de S. Paulo»: «e os algarismos não temem a critica para afirmar a altissima posição atingida pelo Estado de S. Paulo na Federação Brasileira.»

Bravo! sr. Tartarin paulistano!

Apontamentos

Sobre a produção capitalista

Os pescadores franceses (e como eles, todos os outros) vivem uma vida arriscada e miserável. São terrivelmente explorados e estão expostos, por causa da avidez e descuido patronaes, aos maiores desastres.

Quando a pesca é muito abundante, pensais vós que vai ser uma alegria para os pescadores e para os pobres que vão poder comer — enfim! — excelente peixe? Não conheceis então o regime em que viveis. O peixe é lançado ao mar. (No mercado de Londres é destruído, porque dá-lo ou vendê-lo por ínfimo preço, seria prejudicar os interesses dos negociantes!)

E quando não se dá isso, os inúmeros intermediários entre o pescador e o consumidor combinam-se para comprar a vil preço o peixe, que não pode esperar muito sem apodrecer, e que será depois vendido muito caro nos mercados.

Sobre guerras e invasões

A proposito da intervenção norteamericana em Cuba, lemos no *Courier Européen*:

« Os partidários da anexação, tanto em Cuba como nos Estados Unidos, são muito numerosos; a insurreição actual foi encorajada e aprovada por importantes casas de Nova York que tem poderosos interesses nas manufacturas de tabaco da Havana e nas plantações de assucar cubanas. Essas casas ganhariam enormemente se os Estados Unidos se apossassem da ilha, porque então os tabacos e assucars cubanos chegariam livres de direitos aos mercados americanos. »

Ahi estão os motivos do amor á liberdade dos povos, as causas da guerra: ide bater-vos, amigos, por amor dos capitalistas. Sêde patriotas!

Sobre a arte de enriquecer

Na Russia os camponeses (*mujiks*) reclamam a terra sem indenização, dando como argumento que a terra não é de ninguém e deve ser possuída por todos aqueles que a cultivam por suas mãos. Demais, lembram-se de que as terras do senhor foram outrora propriedade dos mujiks, antes que o manifesto imperial de 1861, que decretou a abolição da servidão, os despojasse dellas em grande parte em proveito dos nobres.

Passou-se na Russia, nessa época, o que se produziu na Irlanda, no Cambridge, sob o protectorado de Doumer, e em muitos outros países. Refiro-me á passagem da propriedade feudal para a propriedade moderna.

Visconti Venosta, antigo ministro italiano dos negocios estrangeiros, delegado da sua patria na conferencia de Algeciras, soube apossar-se, por este modo, de dominios immensos na Calabria: recebendo a título de foro feudal um tributo minimo dos camponeses dessas regiões, pretextou esse foro como prova de que os camponeses eram arrendatários das suas terras, e o tribunal, julgando segundo o direito romano (e provavelmente tambem segundo a alta influencia do marquês), reconheceu-lhe o direito de propriedade absoluto. Como os camponeses, teimosos na sua convicção de estarem em sua casa, recusavam ceder, o marquês Visconti mobilizou os carabineiros que os expulsaram, incendiando-lhes as cabanas.

E os ricos proprietários de Italia, Inglaterra, Russia, etc., ricos pelos seus roubos e impudência, indignam-se com as reivindicações dos camponeses e operários, quando só deviam admirar-se da paciência e resignação dos explorados. — M. PIERROT.

Sobre o trabalho feminino

Diz-nos uma estatística que o numero de mulheres que ganham a sua vida nos Estados Unidos, desde 1890 até aos fins de 1904, elevou-se de 3.914.571 a 5.329.807.

O maquinismo e a furiosa concorrência que domina a nossa sociedade capitalista eliminam o trabalho do homem, onde não é indispensavel uma grande força muscular, para o substituir pelo trabalho da mulher ou mesmo das crianças, mais barato para a mesma quantidade de objectos fabricados.

Um escritor francês, Dagan, mostrou,

num trabalho muito documentado sobre o trabalho das mulheres e sua situação, quaes podem ser os fartos lucros dos patrões, explorando o trabalho das mulheres... e desorganizando as familias.

E apesar dos factos, com sua evidencia, os quaes mostram a acção desorganizadora da industria moderna sobre a familia, bons reaccionarios burgueses, moralistas e clericas, pomposamente adornados com o titulo de economistas, lamentam-se do desaparecimento do antigo lar familiar, e quasi se sentem dispostos a atribuir a coisa aos revolucionarios, « inimigos da familia »...

Sobre o amor escravo

Sendo levado ha pouco tempo á presença dum magistrado de Brooklyn, na America, um individuo acusado de ter abandonado a esposa e o filho, o dito magistrado proferiu a seguinte sentença: « Condeno-vos a levar a vossa esposa e vossa filha a Coney-Island uma vez por semana; a beijar-la pelo menos uma vez por dia e a dar-lhe 1 libra e 4 s. por semana. Aconselho-vos, outrosim, que lhe deis de vez em quando um ramo de flores. »

Ordeno-vos que não deixeis vossa sogra intrometer-se nos negocios de vossa casa. Esta sentença tem o prazo de quatro semanas, no fim das quaes vós ambos voltareis á minha presença. Se não a tiverdes cumprido, sereis punido por falta de respeito ao tribunal. »

Ahi está uma sentença que, se não é uma das tantas *blagues* vindas da America do Norte, é profundamente caracteristica da nossa época de amor obrigatorio!

Não sabemos por que a sentença não estatue sobre coisas ainda mais íntimas do que o beijo diário. Não seria afinal uma novidade: neste regime de propriedade privada, sobre a qual se baseia a união sexual, a lei sanciona a propriedade do corpo alheio.

O juiz norte-americano é apenas um pouco mais franco e... comico!

Ao « Mundo Occidental »

Peço aos amigos do *Mundo Occidental* que desculpem a minha ausência, porque estou muito ocupado com o trabalho da *Terra Livre*.

Bom é que se saiba que o ensino livre, censurado recentemente as religiões, sistema melhor nome tenham, que miseria, o ensino de permoio com os principios confessados; e inclui socialistas e anarquistas, se porventura estes têm escolas partidárias.

Quando ao resto (o espaço aqui é precioso) fica como está. Nenhum proveito nos dará encher colunas com «eu disse assim», «e nós dissemos deste modo», «tal asserção é nossa.»

Agradecendo a maneira cordial com que procederam, dou por finda a questúncula.

S. Paulo, 27-3-1907.

EDUARDO VASSIMON.

MOVIMENTO OPERARIO

Federação Operaria do E. de S. Paulo

A Federação está distribuindo pelo interior do Estado o seguinte manifesto.

« COMPANHEIROS! »

Dia a dia se acentua a necessidade de nos unirmos estreitamente para diminuirmos, ao menos em parte, os efeitos terríveis da exploração inexoravel do capitalismo. Não descansamos um só instante, não esmoregamos, não nos deixemos ficar afastados, porque estamos assim dando forças aos nossos inimigos e tornando mil vezes peor a nossa propria condição. Em nossa desunião está o segredo do predomínio do capital!

A greve da Paulista não foi um desastre — foi uma lição. Veio demonstrar o valor da união, da solidariedade, da consciencia. E se houve derrota foi exactamente por falta de consciencia, a qual devemos fazer agregando-nos, lendo, discutindo, aprendendo, indagando, sempre em actividade, não nos deixando ficar arredados e inertes.

Discórdias á parte. Não vos entreguéis a dissensões estereis e improductivas mas fortalecei-vos na convivencia constante de outros companheiros, mantendo florescentes as vossas ligas.

OPERARIOS! o nosso brio e dignidade de homens livres devem ser mantidos intactos. Porém para que possamos ter a frente erguida e garantido o nosso futuro, devemos recorrer á solidariedade para impedir a consumação de prepotências e vilanias contra nós.

Temos muito que conquistar ainda para tornar menos pesada nossa condição actual. Sacudamos a inercia e o desanimo, corramos aos nossos postos e estejamos vigilantes!

COMPANHEIROS! o Capital não dorme! Nossa ruina, nossa miseria, nossa vergonha e fraqueza estão na desunião. Coliguemo-nos! Entremos para

as ligas de resistencia! Sejam fortes para vencer. Nada de recios e fraquezas, associai-vos todos e assim podereis andar de cabeça erguida! CORAGEM! AVANTE!

A COMISSÃO FEDERAL.

— Na terça-feira, do passado mês realizou-se a reunião para a formação da nova Comissão Federal.

Estiveram presentes delegados de treze sindicatos da capital e do interior.

Foram nomeados o tesoureiro e a comissão redactora da «Luta Proletaria».

— No dia 5 do corrente, realizar-se-á na sua sede uma festa em beneficio dos cofres sociaes.

Sindicato dos Trab. em Vehiculos

Desde segunda-feira, 25 do mês passado, que a classe dos construtores de vehiculos desta capital, encontra-se em greve para a conquista da jornada de 8 horas de trabalho.

E' a primeira vez que nesta cidade uma classe inteira faz um movimento de caracter geral para a conquista de uma melhora. Quasi todos têm sido parciaes e provocados pelos patrões.

De ha muito que neste sindicato alguns companheiros faziam propaganda deste movimento e tendo-se esta propaganda intensificado ultimamente com algumas conferencias, foi deliberado convocar uma assembleia da classe, que se realizou no sábado, 23, e na qual ficou unanimemente resolvido enviar a todos os proprietarios a seguinte circular, que foi distribuida logo no domingo:

«Illm. Sr.

O *Sindicato dos Trabalhadores em Vehiculos* de S. Paulo, em nome de todos os seus associados, operários de todas as fábricas de carros desta cidade, comunica-vos que os mesmos, inclusive os trabalhadores de vossa oficina, querendo usufruir de um direito já reconhecido em outras classes operárias e mesmo entre os trabalhadores em vehiculos de outras nações, estão dispostos a NÃO TRABALHAR MAIS DE OITO HORAS POR DIA.

Portanto, vos comunicamos que não trabalharemos mais desse horario, nem queremos que nos seja diminuido o ordenado que actualmente estamos ganhando e tambem que seja abolido o trabalho por peça.

No caso que V. S. não ceda ao nosso justo pedido, exigimos, antes de voltar ao trabalho, que nos seja pago 50 000 de ordenado de todos os dias que durar a greve na vossa oficina.

Esperamos a vossa decisão a respeito, até o dia 25 deste mês, na *Federação Operaria*, ao *Sindicato dos Trabalhadores em Vehiculos*, á Travessa da Sé, 2.

S. Paulo, 23 de março de 1907.

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM VEHICULOS.

Dos vinte e tantos proprietarios 6 cederam logo, os demais prometeram uma resposta para depois.

Na segunda e terça-feira só trabalharam as 6 casas que tinham cedido. Na terça depois do almoço, os operarios de uma destas tiveram que abandonar novamente o trabalho devido aos proprietarios pretenderem obrigá-los a fazer certos serviços para os seus carros. As hoas para o noço, ao que elles exigindo que os proprietarios dessem a ter sómente

Na quarta-feira voltaram as oficinas em consequencia de um compromisso assinado em uma reunião dos proprietarios e pelo qual se obrigam a não acceder ás reclamações dos operarios, sob pena de uma multa de 500\$.

E neste pé estão as coisas. Os operarios têm realizado assembleias diariamente e mostram-se dispostos á luta até á victoria; os proprietarios tambem se têm reunido, porém, segundo parece as coisas não lhes corre muito bem. Os pequenos proprietarios queixam-se de que foram «embruhados» pelos graúdos, que os obrigaram a assinar o tal documento.

Enfim, tudo faz prever que a victoria será dos operarios. Elles souberam aproveitar a ocasião em que as oficinas estão cheias de serviço e não ha desocupados da classe. Oxalá tenham energia e sustentem sem transigencia a sua nobre circular.

Sindicato dos T. Metalurgicos

Os operarios da casa de Craig & Martins, que ha pouco tempo puseram-se em greve para a readmissão de dois companheiros despedidos e a conquista de outros pequenos melhoramentos, tiveram que se avir novamente com aquellos senhores.

Os srs. Craig & Martins pretendiam retirar certas concessões feitas, mas tiveram que desistir desse intento diante da resistencia dos operarios.

União dos Chapeleiros

Continúa o boicote á fábrica João Adolfo, que, segundo um boletim deste sindicato, depois da greve não tem produzido senão chapéus ordinarios e mal feitos, devido a não poder conseguir operarios capazes.

— Numa das ultimas assembleias foi apresentado o balancete annual e nomeado o novo Conselho Administrativo.

— Por estes dias deverá apparecer mais um n.º de *O Chapeleiro*.

S. dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos

Mais uma greve na fábrica de tecidos do abastado, patriótico e humanitario sr. Conde De Pentead.

Os tecelões da secção de lã puseram-se em greve no dia 21 do mês passado, devido a um rebaixamento de salario.

Esses operarios ganhavam um salario miserrimo, e agora, com a introdução de um novo tecido, não poderiam tirar mais de 2\$ por dia.

Uma comissão dos grevistas intendeu-se com os diversos superiores da fábrica, recebendo de todos resposta negativa.

No dia 26 os operarios foram convidados a comparecer na fábrica no dia 30, para assistirem á medição do pano produzido, pois estavam todos despendados.

Até agora a solidariedade é completa. Os superiores da fábrica forneceram á Polícia os nomes de todos os grevistas.

Nesta greve temos mais uma prova brilhante do humanitarismo do sr. Conde (nesta republica de democracia aos galões da guarda nacional, que substituiram os braços da monarchia, juntaram os titulos do Papa) que ainda ha pouco esbanjou centenas de contos com a hospedagem do general Roca, e

agora pretende rehavê-los arrancando-os do trabalho dos operarios.

E esta situação perdurará em quanto os operarios não se decidirem a agir, não com greves de braços cruzados, que se eternizam, levando os trabalhadores, sempre faltos de recursos, a submeterem-se vergonhosamente, mas com energia, ferindo os capitalistas nos seus interesses, applicando a *sabotagem* nos instrumentos do trabalho. Dessa forma matarão dois coelhos duma cajadada só: feririam directamente os capitalistas e evitariam que companheiros nossos se emporcalhassem com a traição.

ACABA DE SAIR

O Infanticidio

DRAMA SOCIAL EM 5 ACTOS

por Mota Assunção

Preço: 600 reis

Desconto aos revendedores e nos pedidos de 10 ou mais exemplares.

Esta obra, além do seu fim especial, serve tambem para fazer uma propaganda impressionante das ideias libertarias.

Como a edição foi muito restricta, os camaradas que desejem possuir este trabalho devem fazer quanto antes os seus pedidos.

PATRIA E INTERNACIONALISMO

Preço: -100-reis

Munições para «a Terra livre»

SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA

Saldo anterior	6\$600
Enviado por B. Blanco, por encargo dos comp. de Bebedouro	20\$000
Enviado por A. Escaño (Sorocaba) A. C., pela assinatura dum diário.	30\$000
Lista de La Scala (Santos): La Scala, S. Solé, P. Brondi, Aluto (?), N. N., P. China, 2\$ cada um; Vanucci, Felippo, Silvio, Giuseppe, Mandolino, A. Bonni, A. Frattini, 1\$ cada um; P. Catelli, 500; A. Nelli, 500; Lippi, 3\$. Entregue por Barrote (Salto): pela Vida: M. de Carvalho, 4; C. da Costa, 3; J. Augusto, 3; J. Gonçalves, 2; Barrote, 8.	23\$000
Lista de Genio (Salto): J. Gonzales, B. Campos, J. Barrote, 2 cada um; J. Oliveira, E. Sapateiro, D. Vicente, Maria dos Santos, J. Maria, Antonio de G., 500 cada um; M. Santos, N. Artur, I. C. de Castro, A. M. Soleda, 1 cada.	20\$000
Lista de Nogueira (Rio): Vasconcellos, Campos, Nogueira, Alencar, Luis, Hilario, J. C., Correia, F. Feira, Paiva, Duarte, Lootens, Raul, Da Silva, Bernardo, 1\$ cada um. De Campinas: Lista de R. Hoffe, A. Villar, A. M. de S. Rodrigues, F. Esteves, A. L. de C., 1 cada um; Um Libertario, 500. — Lista de Bento: M. Bento 3; A. de Rubels, 1. — Lista de Hermogenes: O Kriegl, 1; H. Fourniol, 500; B. Torresan, 500; G. Galateo, 200; J. Fernandes, 200; H. Righetto, 1; J. Legendre, 500; Hermogenes, 600. Descantando o correio. Lista de Piovesan (Campinas): J. Piovesan, 1; F. Bonás, 1; J. Nepote, 1; de outra lista, Ant. Piovesan, 500. Assinaturas: V. P., 2; B. A. 1. — F. de O. (Campinas), assinatura... Traizado por E. V.: L. Rozales, 1.400; Durão, 500; A. Galego, 1. — L. Fernandes (Campinas), trazido por E. L. — M. Dias (Campinas) — H. Pereira (Santos)	13\$000
Lista de E. Antunha (Santos): J. Domingos, F. Gonçalves, Z. Peres, 500 cada um; M. de Andrada, J. Togoris, J. de S. Cruz, J. Albino, P. Dive, M. Domingos, 1 cada um; Felisberto, 2. — Lista de M. Canetta (Porto Alegre): Subscição do funeral de Cappellaro, 2. Francesco Soligo, 1. Branca Berto, 300. Archimede Fortiani, 1. M. Canetta, 1. A. Fossati, 1. G. Nasí 1. F. Andrighetto, 1. Menos 300 do correio. — Lista de ? : J. Braz, 500; José Sousa D...?, 1; B. de Paulo, 500; B. Rodrigues Peres, 1. — Lista de Garcia: J. Carrara, 1; A. Alves, 1; total, 2\$000. Lista, que, por extravio, não foi publicada no n.º 25: M. J. de Carvalho, 500; F. Pace, 1; A. Alves, 1; Garcia, 1. — Lista de F. de Paula: L. Sansone, 1. A. Capocciana, 2. — Lista de Hernando: J. Martins, 1. C. Stegmann, 2. A. D. Pereira, 700. Hernando, 1.500. J. R. Gil, 1. H. O. Godinho, 1. Dal Molin (por conta duma lista) — Nuncio Apostolico, 1; J. Ortis, 500. — Lista da redacção: H. P., 10; F. A. Costa, 1.700; R. Barone, 1; F. Ocaña, 2; Romero, 500; Antonio, 300; Ricardo M., 100; V. J. C., 2; J. M. Leite (S. Carlos), 1.500; Guerrero, 400; A. Gonçalves, 1; J. W., 2. Chiari, 200; Cordeiro, 3; Um amigo de J. B. Tomás, 700.	9\$500
	8\$000
	3\$000
	5\$500
	3\$000
	7\$200
	1\$000
	1\$500
	26\$400
	257\$000
SAÍDAS (n.º 29 e 30)	
Tipografia	110\$000
Impressão papel asset. (n.º 29 4.000 ex.)	70\$000
Idem (n.º 30, 3.500)	35\$000
Correio	32\$000
Carroca	8\$000
Somma	255\$000
Entradas	257\$000
Saldo	2\$000